

NOTÍCIAS DIVERSAS

Estado

9-IV-1921

A AVENIDA S. JOÃO

Val adiantada a demolição do bloco de velhas casas que ficava entre a praça Antonio Prado e a parte já alargada da futura avenida S. João. Dentro de mais alguns dias terão desaparecido os últimos restos do prédio da chapelaria Alberto, do Castellões, do que fica a este contíguo, e todos os que ainda subsistem em parte por trás desses tres.

Quem olha para os escombros que se mostram ao longo da ladeira, enxerga, sob elles, entre elles, uns barrancos altos, cuja presença não deixará de intrigar a muita gente, que andava persuadida de que o nível da rua era o mesmo do solo sobre que assentavam os edificios em demolição.

Esses edificios, em época "remota" ("remoto", para o progresso de S. Paulo, é assim como quem diz obra de sessenta ou oitenta annos) ficavam completamente, ou quasi completamente na mesma altura da rua. Com o tempo, entretanto, foi crescendo o movimento dessa via publica e foi-se tornando insupportavel o seu declive excessivamente forte. Veiu um primeiro rebaixamento do leito, na parte mais alta. Foi, porém, augmentando sempre o movimento e com elle a necessidade de poupar a resistencia dos pedestres, obrigados a transitar continuamente pela outrora insignificante viella, transformada de repente numa das principais arterias da cidade. Novo rebaixamento se operou, e não ha muitos annos, ha talvez uns vinte.

Eis ahi porque, hoje, quem olha para dentro da área das demolições, fica assombrado com a existencia daquella barranqueira veneravel, sobre a qual se agitaram gerações de paulistanos. Os pontos mais altos dellas devem ser contemporaneos dos primeiros habitantes dessa parte da collina historica, que o Anhangabahú e o Tamanduatehy circumdam e beijam.

Bem revolvida e peneirada a terra que dalli fôr tirada, não será difficil que se façam alguns achados archeologicos de valor: ahi alguma moeda de cobre "dos tempos" de dom João VI, ou algum resto de uma das primeiras latas de sardinha importadas em terras de Amador Bueno... Não seria caso de o Instituto Historico intervir afim de que se iniciem as "fouilles" eruditas, em quanto é tempo?

Mais alguns dias, e terão desaparecido essas testemunhas da nossa veneranda antiguidade... relativa. Terá desaparecido aquella fleira de prédios onde se acolchetavam tantas reminiscencias dos paulistanos de meia idade, e ainda mais das dos velhos.

A chapelaria Alberto, por exemplo, ha mais de trinta annos que alli se via; acreditamos até que alli estava desde os tempos em que o prédio ainda era terreo. Terreo tambem conhecemos o prédio pegado, o da confeitaria Castellões, onde outrora existiu o café de Java, um dos mais antigos e, apesar disso, dos melhores que S. Paulo tem tido.

Esse café de Java, durante algum tempo pertenceu a Pepa Ruiz e teve como gerente a Souza Bastos, que havia sido empresario theatral e depois desse interregno mercantil voltou ás antigas funcções. O café de Java! quantas lembranças interessantes (sobretudo... para quem as guarda) não se ligam á sua fallecida entidade! Muitos cavalleiros que hoje occupam altos logares na sociedade, na administração, na politica, na magistratura, passaram aos olhos dos pacatos frequentadores do café de Java como "moleques" e como "perdidões" que por alli vinham perturbar os ocios da gente seria e escandalisar os mais velhos... Naquelles tempos os estudantes enxameavam pelo "largo do Rosario", e, já porque eram mais terríveis, já porque o largo era mais apertado e a população mais timorata, dominavam tudo e "pintavam" com desembarago, e de todo o jeito.

Por aquella época, no lugar do actual palacete Martinico, e avançando para o meio da praça, na parte contigua á rua 15 de Novembro, existia a velha igreja do Rosario, com a sua parede lateral cheia de annuncios enormes, nos intervallos das suas poucas e estreitas janellas de pardeiro triste. No centro do largo, — um chafariz, onde os criados e moleques da vizinhança vinham buscar agua ou beber-a, deixando formarem-se poças e lameiros em redor. O correr de prédios fronteiro ao palacete Martinico tambem avançava muito mais, em linha quebrada, para o centro do pequeno largo.

Descendo-se a ladeira, cujo calcamento de pedras irregulares parecia destinado, previdentemente, a evitar escorregadelas e trombohões, topava-se com a antiga rua de S. José, estreitissima e suja, hoje substituida pela esplendida rua Libero Badaró. Mais alguns passos, e passava-se por cima do Anhangabahú, lombricoide e turvo, primeiro sobre uma "pinguela", depois já sobre o leito da rua, mas ain-

da enxergando-o, de um e outro lado, nos seus collelos por entre viçosos capinzaes.

No lugar onde se ergue o Central havia um grande prédio acagapado e amarello (naquelles tempos fazia-se grande dispendio de cal e oca), onde por muitos annos esteve estabelecido o club Lyra, allemão, ainda existente. A' esquerda do prédio havia um jardim, por signal que não destituído de encanto, com uma gradinha de ferros espetados sobre um pequeno muro. Em frente, um correr de casinhas, tambem amarellas, voltadas para a rua do Seminario, e no trazeiro dessas casinhas se alongavam, aos olhos dos transeuntes da rua de S. João, quintalejos com plantações e com varaes de roupa lavada. Entre os fundos dessas casas é a rua Libero Badaró, então S. José, havia um espaço aberto, um grande buraco, e lá dentro do buraco um bequinho, que era uma especie de appendice da rua do Seminario. Chamava-se "o becco do Acú", e era notavel pelo concerto que os sapos davam todas as noites, pelas immediações...

Mas isso já foi ha muito, muito tempo, ha trinta annos!... Depois, veiu o Mercadinho, que foi um grande progresso, veiu o entulho do becco, o erguimento do leito da rua, o rebaixamento da ladeira... Veiu, mais tarde, o desapparecimento do Mercadinho, novas modificações nos arredores, o Central, o parque, outras construcções novas... Agora, vae-se o ultimo reducto do passado, que ainda desmanchava o traçado da avenida desde a praça Antonio Prado até o largo do Paysandú, o antigo "Campo do Zúnega"...

Não nos entristecemos, porém, os que já ficamos "lá atrás", em parte... O que se passou não era bom, talvez, senão porque nos tocou mais de perto e porque já está suavizado e embellezado pela nossa saudade.